

ARTAUD

AUTOR: Jorge Franco e Fabiane Fogliato

Número de personagens: 1 homem e 1 mulher

Personagens:

Mulher

Homem

Número de páginas: 5

Número de exemplares: 1

Atos: 1

Tema: A maior parte é composta só de ações excêntricas, de tortura e coisas inesperadas, com pouco diálogo.

TEATRO DE ARENA - 226-0242
Av. Borges de Medeiros, 825 - CEP 90010

181

Alu / 2410

ARTAUD

OK
Quilho

"ARTAUD (De como seria)"

Jorge Franco e
Fabiane Fogliatto



TEATRO DE ARENA : 226-0242
Av. ... 825 — CEP 90000

CENA DE ABERTURA

O início da ação se dará desde o momento que o público pisar o chão da sala de apresentação. Esta deverá estar com uma iluminação suficiente. O ator e a atriz estarão em algum lugar do palco desmontando um corpo humano. Permanecem assim até que a luz apaga. BLECAUTE.

Silêncio. Em seguida ouve-se as expressões iniciais de quem está cagando para só depois a luz iluminar um canto do palco. O que se verá: um homem sentado num vaso sanitário cagando. O som que se ouve é aquele que faz a merda quando cai na água. Momentos depois, ouve-se NHAM, NHAM, NHAM... vindo de outro lugar do palco. Outro jato de luz revela uma mulher toda de negro que está sentada à mesa alimentando uma enorme boca vermelha e sensual. Enquanto alimenta a boca, diz o seguinte texto:

"Onde cheira a merda
cheira a ser.
O homem podia muito bem não cagar
não abrir a bolsa anal,
mas preferiu cagar
assim como preferiu viver
em vez de aceitar viver morto.
Pois, para não fazer cocô
teria que consentir em
não ser,

mas ele não foi capaz de se
decidir a perder o ser,
ou seja,
a morrer vivo.
Existe no ser,
algo particularmente tentador para o homem
algo que vem a ser justamente
o cocô."



Dito isto, BLECAUTE. Ao mesmo tempo irrompe pela sala um alarido de sons e ruídos com o volume bastante alto, causando incômodo na platéia. Causado o incômodo, tudo deve cessar. Silêncio. Escuro. Depois de alguns instantes ouve-se o ranger da madeira que inicia e depois vai se esvaindo lentamente. Logo que se ouvir o ranger a luz deve ir aumentando gradativamente em amarelo, até iluminar a gangorra onde estarão o homem e a mulher. Eles sobem e descem com a gangorra numa atmosfera outonal, dizendo a seguinte fala:

MULHER - Sim, o homem teve em um determinado momento necessidade de um corpo esquelético novo, que crepitasse e resvalasse no ar como as chamas furtivas de uma lareira.

HOMEM - O corpo humano é uma pilha elétrica no qual castraram e reprimiram todas as descargas, do qual orientaram para a vida sexual as capacidades e tendências, enquanto que ele foi feito justamente para absorver, por seus deslocamentos voltaicos, todas as disponibilidades errantes do infinito do vazio, dos buracos do vazio, cada vez mais incomensuráveis.

MULHER - Fizeram o corpo humano comer,
Fizeram-no beber
para evitar de fazê-lo dançar.
Fizeram-no fornicar o oculto
a fim de eximir

de comprimir e
supliciar a vida oculta.

HOMEM - Façam finalmente dançar a anatomia humana,
de cima para baixo, de baixo para cima,
de trás para frente
de frente pra trás,
porém muito mais de trás pra trás
do que de trás pra frente.



Terminada a fala, a luz vai diminuindo até a escuridão total. BLECAUTE. Em seguida ouve-se um som agudíssimo, lancinante. Ato contínuo: jato de luz no espelho que estará em alguma parede. Enquanto isso, a mulher se aproxima lentamente do espelho e entra no espaço iluminado. Ela deve ficar ajeitando-se penteando-se primeiramente, para só depois de algum tempo começar a sua transformação em monstra. Esta transformação iniciará quando do outro lado do palco a luz for crescendo e revelando o monstro que caminha de um lado para o outro. Ele se masturba e deseja a mulher. Tão logo ela esteja totalmente transformada, dirige-se até onde está o monstro e beijam-se. A luz deve ir diminuindo até a escuridão. BLECAUTE. Em seguida ouve-se o início do jogo dos sons com as palavras. A luz vai aumentando gradativamente. Os atores estarão dentro de tubos de malha. À medida que vão fazendo as variações de sons, vão também dando forma com o corpo ao tubo. Continuam com o jogo de sons e de formas até que começam a rir. Permanecem rindo até a gargalhada. Inesperadamente o homem avança contra a mulher e a joga no chão. Silêncio. Os dois se olham. Ela com medo e perplexidade. Ele raivoso e cheio de más intenções. Em seguida, ele arrasta a mulher pelos cabelos. Ela grita desesperadamente. Ele solta. Ela pára de gritar. Olham-se. Lentamente ele tira um ranho do nariz e coloca na boca da mulher. Ela grita. Ele arrasta novamente a torturada pelos cabelos. Ela grita. Ele pára e procura alguma coisa. Ela se sente desespera

da e só. Soluça. Ele encontra o que procurava: uma seringa enorme de dentista. Aproxima-se dela, segura-a pelos lados do rosto e aplica a injeção. Ela grita desesperadamente. Ele termina atirando ela no chão. Nesse momento a luz fecha nele que se afasta um pouco. Parece que está insatisfeito, quer mais dor. Continua assim até que vira a cabeça para trás. A acompanhando seu gesto, um jato de luz revela a guilhotina. Ne la estará colocada a cabeça da mulher que vinha sendo tortura da. Ele caminha decidido. Chega. Olha e, num gesto rápido, a ciona a lâmina que cai, cortando a cabeça que rola para den tro de um cesto. BLECAUTE. No escuro ouve-se o som de um sino, a princípio em volume baixo. Um jato de luz ilumina a cruz e o cálice. O som aumenta. Sinos. Sinos. Um homem aproxima-se. Pára. Traz um semblante constricto, cristão. Olha para o cáli ce como que estivesse pronto a cometer um pecado. Ajoelha-se e faz o sinal da cruz sem tirar os olhos do cálice. Novamente em pé, aproxima-se mais e toma o cálice nas mãos. Nesse exato momento, em outro lugar do palco, uma luz suave vai revelando a luta desesperada de uma mulher em sair de um quarto com pa redes imaginárias. Enquanto isso acontece o homem está ajoe lhado diante do cálice e começa a comer as hóstias que ele con têm. No início, come calmamente, depois desmesuradamente. Come tanto que acaba vomitando na própria mão. Junto com os peda gos de hóstias, sangue. A mulher que até então procurava uma saída, acaba encontrando. Sai do quarto imaginário e depara com o homem que vomita. Ela não chega a parar, apenas nota a presença dele e passa, deixando cair um manto levíssimo que carregava. A luz vai apagando em resistência. BLECAUTE. No es curo ouve-se um vozerio. Logo depois o barulho de vento forte. Portas batem. Sincronizadamente, ora se ilumina somente o ros to dos atores que estarão carregando máscaras, ora ilumina-se a platéia. O som persiste até o fim da cena. Após, silêncio e escuridão. Instantes depois um jato de luz revela um homem sentado em uma cadeira. Está pensativo, depois fala:

"Odeio e abjeto como covarde todo corpo das simples sensações.

Odeio e abjeto como covarde todo corpo que se quer terminado e que não quer viver para se transformar.

Prefiro transformar-me a simplesmente viver.

Não nascemos ainda.

Ainda não estamos no mundo

Ainda não existe mundo.

As coisas ainda não estão feitas.

A razão de ser ainda não foi encontrada.



Dito isto, a luz vai diminuindo até a escuridão. BLECAUTE. Instantes depois, vindo de dentro da escuridão, os gemidos de uma mulher. A luz vai crescendo e revelando ela que está deitada no chão, em trabalho de parto. À sua frente está colocada uma enorme mão. Terminado o parto ouve-se o choro de uma criança e ato contínuo: desaba sobre o palco partes do corpo humano.

BLECAUTE

TEATRO DE ARENA - 226-0242
Av. Borges de Medeiros, 835 — CEP 90010